

SESSÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR, REALIZADA NO DIA VINTE E QUATRO DE JUNHO DE DOIS MIL E VINTE E QUATRO -----

ATA NÚMERO VINTE E UM -----

(Mandato 2021-2025) -----

----- Aos vinte e quatro dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro reuniu, nas instalações da Sociedade Boa União, sitas no Beco das Cruzes, número nove, em Lisboa, a Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior, sob a presidência do seu Presidente efetivo, Sérgio Rui Lopes Cintra, coadjuvado pela Primeira Secretária em exercício, Clementina Augusta da Silva Pereira Vasconcelos Maia, e pela Segunda Secretária em exercício, Zulmira Guterres dos Santos.-----

----- Assinaram a “Lista de Presenças”, para além dos mencionados, os seguintes Membros: -----

----- **Do Partido Socialista (PS):** – Carlos Manuel Afonso Bode Dias Torres, Cláudia Maria Veloso Antunes Vieira, Isabel Fernanda Moura e Sá Costa e José Fernando de Almeida Louro.-----

----- **Do Partido Social-Democrata (PSD):** – Sandra Regina Mendes Campos Luís Gadanho. -----

----- **Do Partido Comunista Português (PCP):** – Maria de Lurdes de Jesus Pinheiro. -

----- **Do Partido Ecologista “Os Verdes” (PEV):** - Marco Alexandre Cristos Costa.---

----- **Do Bloco de Esquerda (BE):** - Rodrigo Filipe da Silva Santos Machado. -----

----- **Independente (IND):** Jorge Manuel Madrugo Garcia. -----

----- Faltaram à reunião os seguintes Membros: -----

----- Maria Filomena Dias Moreira Lobo, que justificou a sua ausência e foi substituída por Isabel Costa.-----

----- Carlos Alberto de Jesus Oliveira, que justificou a sua ausência e foi substituído por José Louro.-----

----- Lourenço Paour Miguel Costa, que justificou a sua ausência e não foi substituído.

----- Hugo Ricardo Ladeiro Ferreira Duarte, que justificou a sua ausência e foi substituído por Marco Costa.-----

----- Catarina Bendito de Medeiros, que justificou a sua ausência e foi substituída por Rodrigo Machado -----

----- As dezoito horas e trinta minutos, constatada a existência de *quórum*, o **Senhor Presidente da Assembleia declarou aberta a reunião.** -----

----- **Ponto 1 – Período para intervenção e esclarecimento ao público:** -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** referiu que caso existissem condições do Executivo da Junta de Freguesia proceder à explicação ela seria dada de imediato, caso não existisse essa capacidade seria enviada por escrito para a morada registada a resposta do Executivo.-----

----- Informou que nos termos legais e no Regimento da Assembleia estava aprovada a possibilidade das reuniões serem gravadas, pelo que a participação de qualquer um já pressupunha a aceitação ao próprio Regimento.-----

----- **Freguesa Sara de la Pona** fez a seguinte intervenção: -----

----- *“Não moro propriamente na Freguesia, mas trabalho todos os dias e, portanto, acho que é justo que represente as pessoas para as quais trabalho, que têm propriedades aqui em Alfama e não só. Sendo Santa Maria Maior, venho também representar uma proprietária que tem um apartamento na Mouraria.* -----

----- *Eu acho que a opinião minha e dos proprietários que represento seja relativa mais deixando o discurso da segurança, que não é minha competência julgar e resolver os*

problemas que todos bem sabem, sobretudo na parte da Mouraria. Problemas que prejudicam também, além da vida quotidiana das pessoas que moram, também a apresentação daquilo que quer ser Lisboa, que penso que nos últimos anos está a apostar muito na visibilidade. Portanto, acho que as condições, ultimamente, dos bairros de Alfama e da Mouraria não sejam das melhores, sobretudo na altura dos Santos Populares. -----

----- Há situações que reparamos que são deixadas totalmente à gestão de poucos e com poucas competências, acho eu, e interesse de manter a qualidade da imagem dos bairros como deveria ser porque são o coração de Lisboa, onde Lisboa nasceu. Portanto, acho que deveriam ser mais valorizados, sobretudo do ponto de vista da higiene urbana e da informação e da distribuição da informação acerca daquilo que pode ser a recolha do lixo diferenciado, basicamente. -----

----- Mas o ponto, só para ser mais breve sobre aquilo que quero dizer, é o facto que o bairro está completamente deixado ao próprio destino, sem uma regra, sem ninguém que cuida do aspecto daquilo que é o bairro em si. Há situações, sobretudo nos Santos Populares, em que pedaços das ruas que são de representância, onde passam cortejos, onde passam manifestações, é tudo super limpo, super cuidado e de boa imagem. Há situações, sobretudo nos becos, que neste mês são urinatórios de pessoas que eu percebo, é uma tradição, eu não sou portuguesa, mas tenho o coração português e, portanto, sinto-me mal passar nas ruas e ver lixo em todo o lado, xixi em todo o lado e não só. -----

----- Ninguém que cuida, ninguém que lava as ruas, mas queixam-se das pragas que aumentam, das baratas que estão em todo o lado. Não há regras por quanto é a distribuição dos caixotes. -----

----- O ano passado, dois anos atrás, saiu Lisboa 2020, vamos tirar o plástico, o plástico já não se usa. Se vão ver os caixotes todos destes Santos Populares, que só em Alfama dura um mês e não uma semana, como deveria ser, porque todos os outros bairros fazem, eu não venho a queixar-me disto. Pode ser um mês, pode ser o ano inteiro, mas que haja mais regras a partir do próximo ano relativamente à organização desta festa, porque além da imagem daquilo que é o bairro em si, transmite não só ao turista, pelo qual a nação toda está a apontar, porque é a fonte de grande ganho por parte de todos e eu sou a primeira, porque trabalho com turismo, mas é mau dar esta imagem ao turista de qualquer coisa que realmente é a alma do bairro, mas depois não tem regras nenhuma. -----

----- Este ano aqui em Alfama havia sete, eu contei, depois podem corrigir-me, talvez havia mais, eu não vi, sete urinatórios públicos. Eu passei em ruas onde havia cocó, tampões com sangue, que eu pensei que tinham matado alguém, mas não, depois dei-me conta que alguma menina provavelmente tinha algum problema logístico de onde ir. --

----- Alfama tem uma conformação urbanística particular. Portanto, acontece alguma coisa, acontece uma emergência, como é que a gente safa-se ali dentro? Houve notícias que saíram uma vez na CMTV, que é a mais cusca das redes, dos telejornais e da informação. Houve uma notícia de um crime, entre aspas, que passou uma vez só e foi escondido a todo o mundo. Há qualquer coisa que em Alfama deve ser resolvida, porque realmente festividades como os Santos são a alma do povo, mas agora já o mesmo povo aproveita-se da situação e quem gere a situação não tem capacidade e noção, porque é só ir a falar com as pessoas do bairro, coisa que eu diariamente faço e ouço o que as pessoas dizem, ou por razões de trabalho, ou porque têm família, ou porque têm vergonha, ou porque são amigos daquele que tem um quiosque, portanto, não vêm por educação, digamos assim. A situação eu acho grave. -----

----- Depois, tenho também o vizinho da Rua da Adiça, que é a rua onde o dia de Santo António passou o cortejo. Era só entrar na Rua da Adiça e atrás dos bancos havia carne podre, plástico, lixo de todos os géneros. Um amigo meu, que não está cá porque está a trabalhar, a gente até entra numa propriedade privada e não há controle nenhum. -----

----- Eu, na minha casa, subo o volume da música e logo chega a polícia para baixá-lo. Aqui, uma Freguesia que não tem controle nem dos decibéis que vão ser transmitidos, porque os decibéis são altos, mas as pessoas gritam e os prédios criam um efeito de eco que no terceiro andar há mais barulho que no primeiro. E gastamos 3 mil euros para pôr vidros duplos, embora isto ouve-se e temos queixas de pessoas que alugam a pessoas que têm licenças válidas, porque depois todo mundo queixa-se do alojamento local, mas eu acho que seja o mal menor, porque são os únicos que cuidam da propriedade e do entorno. Eu não sei, é a voz do desespero, porque as situações realmente muitas vezes são graves. -----

----- Depois há situações também, por exemplo, eu anos atrás vi o manifesto com escrito “Alfama, quem não cuida, não ama”. Então eu acho que muita gente aqui não cuida do próprio bairro e não ama. E nem sabe o significado, o que é que significa morar em Alfama. Têm mais amor para o bairro as pessoas estrangeiras que aqui vêm que os próprios portugueses muitas vezes. Isto é bastante constrangedor e é mau, sobretudo. -----

----- Eu tenho formação na arquitetura, portanto, para mim a paisagem e o ambiente, o bem-estar, a beleza. Alfama é linda, mas há zonas que realmente não se podem ver, sem contar a limpeza do verde que cresce em todo o lado. -----

----- Depois, se conheces alguém talvez falas, como aconteceu anteontem com um amigo meu que mora aqui no São Estevão, queixou-se com o proprietário, ligou, o dia seguinte estava limpo. Eu queixei-me com as pessoas das limpezas e hoje, ontem tinha aqui a foto, ontem estava uma selva escura de lixo e plantas a crescer, hoje magicamente há reunião da Assembleia e aquilo está limpo. -----

----- Portanto, eu peço que haja uma consideração na organização daquilo que é o bairro, porque não é só marchas, não é só a gente ganhar para viver o ano inteiro. A gente que trabalha, eu desde metade de maio que não posso nem estacionar a minha mota onde sempre estaciono, porque onde está o estacionamento da mota há um banquinho e eu devo trazer o meu saco todos os dias do parque da mota da estrada principal até a casa. Muda, muda tudo e eu não ganho nada, tenho só a perder. -----

----- Já está, obrigada, mas penso que sejam os meus amigos da igual opinião.” -----

----- **Freguês Martinho Vilar** fez a seguinte intervenção: -----

----- “Antes de mais, faço minhas as preocupações desta freguesia italiana, presumo. --

----- Chamo-me Martinho Vilar, vivo em Alfama já há algum tempo, hoje vivo na Rua dos Bacalhoeiros, vivia na Rua dos Bacalhoeiros 14 primeiro esquerdo, onde tenho escritório e sou advogado, que é Santa Maria Maior e hoje vivo na Rua da Adiça 19. Vinha falar também por causa deste assunto do ruído, não tanto na vertente higiene, porque não me sinto muito, na vertente ruído. Alfama, quando vem os Santos Populares, é o demónio. É assumido, faz parte, não há nada a fazer. Agora, que seja o demónio durante os dias de demónio e os dias de demónio é a noite de Santo António, as vésperas dos Santos. -----

----- Há dias, quando na Rua da Adiça uma pessoa sai de casa, têm os altifalantes até à meia-noite a tocarem e as bancas estão fechadas e não há ninguém na rua. Quer dizer, provavelmente há ruas onde há sempre movimento e bancas, na Rua São João da Praça há com certeza, nas outras ruas há. Arranjar um sistema onde se desliga num sítio e

liga no outro, talvez não seja mal. Acho que o sistema de som está melhor do que estava há dois anos, onde as músicas se repetiam também incondicionalmente. O sistema de haver som local talvez seja melhor, talvez seja pior. Acho que é importante vir aqui falar e é por causa disso que eu venho cá. -----

----- Há um fenómeno demográfico triste e grave, que é o seguinte: quem vem fazer as bancas, são gente que já viveu em Alfama e que já não vive em Alfama. Isto é uma coisa triste, mas aquele carácter que havia de serem as pessoas do bairro que abriam a casa, que iam à cozinha tirar e pôr, deixa de existir e por causa disso temos problemas de insalubridade, porque as pessoas não têm casa para lavar a loiça, então lavam na barraca. É um bocadinho uma perversão de uma coisa que se chama em português retiro. Um retiro em Alfama, há muita gente que não sabe isto, é uma coisa cantada nos fados, é ir pôr umas cadeiras e uma mesa à porta da casa e fazer um retiro. Era assim que se fazia. -----

----- Acho que com esta evolução toda é bom vir aqui, é bom vir aqui falar, é bom discutir, eventualmente antes dos Santos e não durante e depois e ainda bem que eu vim cá, tinha este assunto para tratar, tenho um outro assunto que eu sofri na pele e que venho partilhar aqui um bocadinho a minha opinião, que já falei ali um bocadinho com o Senhor Presidente, que é uma coisa chamada licenciamento zero e uma realidade que começa a existir em Santa Maria Maior, terrível, que é num sítio onde havia uma retrosaria cria-se um bar, num sítio onde havia uma padaria cria-se um restaurante e estas alterações todas. Nós vivemos numa situação absolutamente sem rei nem roque e onde ninguém controla nada. -----

----- Eu vivia numa casa pombalina, que por acaso era um escritório, e em baixo tive o azar de me fazerem um bar. Fiz para aí 50 queixas à Câmara Municipal, à Polícia Municipal, fiz uma série de queixas à Junta de Freguesia e falei com um Senhor chamado João, simpatiquíssimo, na Rua das Farinhas, um encanto. E a resposta que eu tive da Junta de Freguesia, com razão, é que “isto não é da minha competência”. O Senhor Presidente tem toda a razão em dizer isto e então eu vi de quem é a competência disto. -----

----- A Polícia Municipal diz que a competência, eles tomam conta da ocorrência, mas a competência é do urbanismo. A ASAE não é competente, porque a competência foi transferida para a Câmara Municipal e o urbanismo tem pouquíssimos juristas, tem que aprovar uma série de obras importantíssimas, temos um problema terrível de falência e as coisas só se começam a resolver quando uma pessoa vai à Assembleia Municipal. -----

----- Ora bem, parece-me que é importante que a Junta de Freguesia, que é uma entidade de proximidade, em situações como esta tente ir ver as pessoas e tente dizer “olhe, o seu vizinho de cima queixa-se, veja o que é que se passa, veja o que é que não se passa”. No meu caso resolvi aquilo de uma maneira péssima, porque eles tiveram que fechar e estou de candeias às avessas com as pessoas, mas estas coisas às vezes resolvem-se dialogando. -----

----- Parece-me que aqui, mesmo sem competências, as autarquias, tendo tempo, tendo meios e tendo disponibilidade, podiam fazer isto, porque se uma pessoa olha para a Baixa, se nós virmos a Baixa que havia há 30 anos ou há 5 anos e a Baixa que existe hoje, é impressionante e as pessoas que vivem cá vão começar a ter cada vez mais músicas, etc. -----

----- Eu posso dizer, modéstia à parte, que sou um bocadinho um expert na matéria. Se a Junta de Freguesia precisar da minha ajuda como jurista sobre estes regimes todos e as competências, estou disponível. Tenho muito gosto em vir cá, é a primeira vez que

venho e acho que não tenho mais nada para dizer, cumprimento a todos, que é uma coisa importante e, já agora, devo fazer-me sócio da Boa União, que é um espaço fantástico, onde eu nunca tinha vindo. Acho que é uma coisa boa olhar para o futuro e para estas instituições todas.” -----

----- **Vogal do Executivo Ricardo Dias** disse que era curioso dirigir-se ao Senhor Presidente da Assembleia, que tal como no seu caso nasceram ali e cresceram ali. -----

----- Explicou que existiam mudanças no arraial. Para quem estava em Alfama há muitos anos era fácil constatar e admitir que havia mudanças nos arraiais, nomeadamente ali no bairro, mas nem todas eram para pior. Para fazer já uma assunção muito rápida, havia coisas que tinham de ser melhoradas, havia coisas bastante óbvias de que tinham de ser melhoradas, mas havia coisas que já melhoraram. O Arraial de São Miguel havia há mais de três décadas, ficou assim tradicionalmente conhecido, apesar de algumas partes dele já ultrapassarem a antiga área administrativa da Freguesia de São Miguel. -----

----- Foi durante muitos anos organizado por uma associação que se chamava ARSM e que era a Associação Recreativa de Amigos de São Miguel, que ao fim e ao cabo era uma coletividade como muitas outras, nomeadamente como ali a Boa União onde estavam. O que aconteceu foi que ao longo de uma série de anos houve um descontrolo, ainda antes da reforma administrativa e dessa Junta ter sido criada e do Senhor Presidente ter tomado posse, criou-se um conjunto de problemas e nomeadamente um que certamente a freguesa se recordaria se estava ali há 20 anos. A Rua Terreiro do Trigo, desde o Museu do Fado até à Rua da Alfândega, estava completamente preenchida de roullotes, de zonas de venda, de retiros, não bem retiros, porque não era bem à porta de casa, mas era outro tipo de estrutura. Portanto, quando em 2017 tomaram a decisão de começar a tomar conta do arraial a Junta herdou algo muito pesado. -----

----- Foi muito difícil de resolver. Podia dizer que foi um processo que começou com uma vitória intensa dos fiscais do departamento de divisão de gestão territorial a fazer um reconhecimento de todos os que já lá estavam. Além desse reconhecimento, havia uma dicotomia entre perceber quem fazia o arraial e quem era sócio dessa associação, que estava protocolarmente e institucionalmente alinhada com a EGAC, fazia o arraial nos termos legais. Ao mesmo tempo tiveram que gerir, e no seu caso desde o início, egos e manifestações de interesse difíceis de gerir. -----

----- Não estava ali para fugir às responsabilidades, mas existia uma série de problemas aos quais a Junta, enquanto entidade promotora e de licenciamento, não conseguia chegar nem resolver. Alguns deles tinham a ver com as condições de higiene, de manutenção dos alimentos, da água, uma série de circunstâncias, mas não tinham competência e por muito que pudessem sensibilizar, e acreditava que fizesse muitas vezes... ao longo do último mês e meio devia receber por dia dezenas de chamadas com todos os tipos de problemas. O som era uma das questões para as quais mais convocavam a Junta diariamente. -----

----- Logicamente que o seu interesse pessoal e da Junta de Freguesia era fazer com que o arraial se tornasse cada vez um sítio apelativo, mas isso era uma ambiência muito complicada, um ecossistema muito difícil. Havia de facto um conjunto de pessoas que já não residia no bairro, mas que mantinha uma ligação de anos com o bairro e com todas as pessoas que ali nasceram. Havia pessoas que nasceram mesmo no bairro, que saíram algum tempo, mas que regressavam em junho e achavam ter o mesmo direito de quem ali residia. Não sabia se as coisas eram bem assim ou não, mas tinha a certeza, de que tinha tanto direito a participar na festa popular quem fazia há 60 ou 70 anos como quem

ali queria viver, descansar e não participar na festa. Isso era uma coisa absolutamente clara. -----

----- Fazer convergir esses dois interesses nem sempre era fácil e admitia, não tinha problema nenhum com isso, que pessoalmente se calhar não tinha estado à altura de fazer a gestão correta dos conflitos, o que muitas vezes não era fácil. -----

----- Gerir a ambição o interesse de quem queria participar no arraial, legítimo porque também contribuía para uma tradição que ia para quase um século de existência, os arraiais eram bastante antigos e havia esse conceito lexical da palavra “retiro”, mas mesmo assim estar sempre atento e priorizar o interesse de quem ali vivia. -----

----- Algumas notas podiam exemplificar e provar o interesse em fazer melhorar o arraial. Quando herdaram o arraial, em 2017, a grande parte, para não dizer a extraordinária maioria do fornecimento elétrico do arraial era feito de formas pouco ortodoxas e de puxadas elétricas dos candeeiros e dos postes de eletricidade. Era assim que funcionava. Atualmente a Junta assegurava um contrato e uma prestação de serviço elétrico de uma empresa que fazia junto da EDP todo o fornecimento de forma correta e segura. Todos os retiros tinham um quadro elétrico pago pela Junta e fornecido pela Junta, num processo que era bastante demorado e que começava ainda antes de maio.--

----- A parte da música, que era outro problema muito complicado, muita gente referia que a melhor solução seria não haver as colunas, era um ponto de vista. A solução contrária a não haver colunas era que cada um ter a sua coluna e conseguiam ter num arruamento só sete ou oito colunas e cada uma a dar a sua música...-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que pedia desculpa por aquilo que queria transmitir, mas apesar de tudo aquilo que estava a ser dito e informado, absolutamente factual e muito importante, havia uma matéria que no final do dia importava. Havia tempos regimentais e tendo a evidência de que o Senhor Presidente da Junta pediu para o tempo ser partilhado por todos os elementos e, se necessário, convidar a Senhora Sara e o Senhor Martinho para conversar e expor numa reunião presencial, eventualmente com a visita aos locais, aquilo que era possível fazer. A proximidade era uma das garantias que recebiam. -----

----- **Vogal do Executivo Ricardo Dias** disse que por isso o Senhor Presidente era fantástico e ia seguir já o seu conselho. À imagem do que já tinha acontecido com outras pessoas que estavam na plateia, convidava a ir ter consigo pessoalmente à Junta de Freguesia, trocariam contactos e falariam sobre esse assunto até com uma visita ao terreno, porque olhar para as coisas in loco por vezes dava margens de resolução maiores. Por exemplo, podia dizer ao Senhor Martinho que na Rua da Adiça há três ou quatro dias receberam uma... porque muitas das vezes a questão das colunas tinha que ser uma intervenção cirúrgica. Muitas vezes dava por si a mandar a empresa retirar uma coluna para pôr mais ao lado, porque aqueles 10 metros faziam uma completa diferença. Ainda cerca de três dias antes tiraram uma coluna à porta do 45 porque de facto a zona não estava... Agradecia a observação que foi toda construtiva, havia zonas onde estava a trabalhar a coluna e não estava a decorrer arraial. -----

----- Melhoraram em alguns aspetos a colocação do sistema sonoro. Uma foi a diminuição do número de colunas, menos 35 colunas face ao ano anterior. A segunda foi a multiplicação da playlist, o que melhorou bastante. A terceira ia ao encontro daquilo que foi dito e que ainda iriam melhorar, que era controlar melhor as linhas de ligamento, porque muitas vezes para desligar uma artéria estariam a desligar outra onde funcionava o arraial. Tinham que ser mais eficazes em encontrar uma forma de se manter ligado onde tinha que estar ligado e desligar onde não devia estar ligado.-----

----- **Vogal do Executivo Maria João Correia** disse que, em relação aos reciclados, a Junta de Freguesia não controlava os despejos dos reciclados. Fazia parte das competências da Câmara, aquilo que faziam mesmo fora das competências da Junta era muitas vezes tirar o excesso do lixo dos caixotes dos reciclados.-----

----- Não chegavam a todo o lado, não tinham ali heróis. O mês de junho era muito complicado no que dizia respeito à higiene urbana, tanto ao lixo como às lavagens. As lavagens efetivamente eram feitas, mas as pessoas faziam xixi todos os dias e não havia capacidade de lavar todos os dias os mesmos sítios.-----

----- Em relação à deservagem e às ervas, que a freguesia referiu existir imensas em toda a Freguesia, tinham aí duas condicionantes. A primeira tinha a ver com o facto da Junta de Freguesia não poder usar qualquer produto quando acabava de fazer a deservagem, nem sal. Felizmente ou infelizmente, as condições climatéricas tinham favorecido o crescimento das ervas em larga escala e por esse motivo não conseguiam controlar, porque não era permitido e já tentaram usar vários produtos. A Junta também foi informada de que não podia usar vinagre ou sal, o que não levaria qualquer problema para os animais, mas não era permitido.-----

----- Com as condições que tinham, levava a que a erva crescesse muito mais depressa. Na condição de poderem pôr um produto desse tipo a erva demoraria 15 dias a crescer. Não sendo possível, ao fim de uma semana a erva já estava a crescer e dar resposta à Freguesia toda de facto não era fácil, mas assumiam a *mea culpa* desse tipo de situações e estaria ao dispor se assim entendessem.-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que tinha apenas duas considerações. Tinham um grave problema na Freguesia e que era a desertificação, embora não parecesse, e a grande responsabilidade era de um conjunto de legislação que herdaram do passado acrescida da possibilidade do alojamento local crescer como cogumelos e ter permitido, à boleia da legislação anterior, expulsar as pessoas que ali moravam. Foi efetivamente o que aconteceu.-----

----- O grande receio que tinha era que o atual Governo, que também não criticava porque era a sua filosofia política, e a atual Câmara revertissem as Leis de contenção em relação ao alojamento local, porque nesse momento não podia haver nem mais um alojamento local em Santa Maria Maior, mas eles continuavam aí e muitos clandestinos. Não podiam entrar aí porque não tinham essa competência e não se cansava de repetir uma frase para todos, de que o Presidente da Junta de Freguesia não era propriamente um xerife.-----

----- Quem tinha a sua idade cresceu a ver grandes filmes westerns, os americanos principalmente, mas a figura típica do xerife que fazia a Lei, fazia o julgamento e executava a sentença, em regra com a força. Aquilo não existia.-----

----- A Junta de Freguesia tinha um quadro de competências legais que tinha de cumprir e podiam acreditar que muitas vezes se tivessem mais competências poderiam ser mais eficazes, designadamente em relação à matéria do ruído.-----

----- A segunda questão que queria dizer era que Santa Maria Maior tinha pouca população derivado de tudo isso que aconteceu nos últimos anos, não chegavam a 10 mil, tinha visitantes diários de 330 mil pessoas. Queria dizer que nesse período do verão, sobretudo no mês dos Santos Populares, tinha muito mais e só no arraial de São Miguel concentravam-se 150 ou 200 mil pessoas, sobretudo na noite de Santo António. Nas outras noites era um número sempre a rondar os 100 mil.-----

----- Qualquer cidadão poderia dizer que não tinha nada a ver com isso, que pagava os seus impostos e queria isso limpo. Era verdade, mas não podia haver um varredor para cada rua, um polícia para cada rua, nem um agente de autoridade para cada rua, era

evidente que a resposta nesse período do ano seria sempre mais deficiente do que nas outras alturas. Assumia isso e continuava a dizer que todos os dias procuravam fazer o melhor, sendo certo que como Presidente de Junta tinha dias de ego afagado e bem disposto e tinha dias em que se sentia numa situação miserável face ao estado. Por exemplo havia lixo na Rua dos Fanqueiros, em frente à Junta, tinha pedido aos serviços para irem recolher, saíra do gabinete já estava lá outra vez mais lixo, não era o mesmo, mas estava lá outra vez. -----

----- Era uma luta constante, típica de um território que tinha uma sobrelotação durante o dia muito superior à capacidade para a qual foram dimensionados até financeiramente. Não podia dizer que estivessem mal dimensionados financeiramente para o dia a dia, mas sobretudo para esse tipo de questões não estavam. -----

----- A segurança era uma questão que os preocupava imenso, para a qual não tinham uma única vírgula para poder intervir, mas aquilo que podia garantir a todos era que brevemente, tal como fizeram em relação à habitação, em que também não tinham competências legais e fizeram, pensando que foram importantes para a alteração do estado das coisas, brevemente fariam uma iniciativa forte sobre essa matéria, sobretudo porque o Bairro da Mouraria estava numa situação insuportável nessa questão e também outros bairros. Fariam uma iniciativa séria com o objetivo apenas de alertar quem podia decidir e procurar que todos, desde a Câmara às polícias, quem pudesse decidir que decidisse. -----

----- Fariam essa iniciativa séria, aliás, na sequência de muitos abaixo-assinados que tinham recebido, porque as pessoas não sabiam quem tinha as competências e dirigiam-se à Junta e faziam bem. -----

----- **Ponto 2 – Período Antes da Ordem do Dia;**-----

----- **Voto de Saudação**-----

“-----*Às Marchas Populares de Santa Maria Maior*-----

----- *Santa Maria Maior é a freguesia com mais Marchas Populares na cidade de Lisboa. Todas elas representam os nossos bairros e a nossa população de forma briosa, sabendo interpretar a herança enraizada no seu percurso social e cultural. Na escolha dos temas que precedem os longos meses de trabalho e que resultam na exibição do grande concurso do mês de junho encontra-se parte da história que só esta arte consegue preservar.*-----

----- *Permanecendo na frente da defesa da identidade bairrista, as Marchas Populares são uma verdadeira manifestação de pertença - princípio que, em Santa Maria Maior, simboliza também a resiliência de todos aquele que, em tempos especialmente delicados pela pressão habitacional, contribuem para o estímulo de uma expressão que caminha para um século de existência. É abnegadamente que um extraordinário conjunto de dirigentes associativos se dedica à construção do projecto da sua Marcha - com a assunção de uma responsabilidade honrosa que exprime o amor pelo seu bairro - e que todos os marchantes se orgulham por vestir uma farda que, ao desfilar pelas ruas, traduz em si mesma a força do bairro, das suas gentes e da nossa freguesia.*-----

----- *São, por isso, as Colectividades o núcleo do desenvolvimento desta arte. Privilegiadas conhecedoras do passado, transpõem em cada ano a sua experiência e o seu conhecimento para uma organização participado por várias pessoas, desde criadores artísticos aos vizinhos voluntários. É na intimidade dos seus espaços que as Marchas Populares vão ganhando vida, numa relação indissociável que revela a importância do movimento associativo para a realidade coetânea da cidade.*-----

----- *Este ano Santa Maria Maior teve, de novo, motivos para orgulhar-se das suas Marchas Populares, e foi com espectacularidade que Alfama, Baixa, Castelo e*

Mouraria se exibiram no Meo Arena e na Avenida da Liberdade. Para além da exposição de todo o trabalho dos últimos meses, as nossas Marchas voltaram a conquistar o prémio principal: orgulhar as suas gentes e a história única de Santa Maria Maior. -----

----- *Assim, a Assembleia de freguesia de Santa Maria Maior, reunida em reunião ordinária no dia 24/06/2024, delibera:*-----

----- *1) Saudar as Colectividades organizadoras das Marchas Populares de Santa Maria Maior – a Academia de Recreio Artístico, o Centro Cultural Dr. Magalhães Lima, o Grupo Desportivo do Castelo e o Grupo Desportivo da Mouraria - bem como todos os seus dirigentes e membros das comissões técnicas pelo seu trabalho fundamental na organização das Marchas Populares e na preservação de nossa identidade cultural;*-----

----- *2) Saudar todos os marchantes das Marchas Populares, bem como os restantes intervenientes artísticos – coreógrafos, cenógrafos, figurinistas, letristas e compositores -, que contribuem para o desenvolvimento de cada projeto estético que espelha a história do nosso território;*-----

----- *3) Enviar o presente Voto de Saudação para as quatro Colectividades organizadoras das Marchas Populares de Santa Maria Maior.*-----

----- *Lisboa, 21 de junho de 2024*-----

----- *Pl' O Grupo do Partido Socialista, Clementina Maia*----- ”

----- **Vogal do Executivo Ricardo Dias** disse que a Sociedade Boa União, que teria um novo sócio, foi a segunda a organizar a Marcha de Alfama na sua história. Era uma das que estavam visadas nessa moção e à qual o Executivo se associava. De facto, tinham quatro marchas absolutamente extraordinárias, três delas conseguiram vencer esse concurso por mais do que uma vez, tanto o Castelo como a Alfama, ganhou várias vezes e a Marcha da Mouraria, a Baixa quiçá um dia também o conseguiria fazer. Particularmente era um tema bastante caro, porque fora mascote da marcha desse bairro em 1998, fora as outras ligações emotivas que o ligavam às outras marchas e que eram comunitariamente públicas, ainda bem que eram. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que também revia uma expectativa que no decorrer da sua vida útil era capaz de acontecer, se não fosse na sua haveria de ser na dos seus bisnetos. A Baixa ganhar a Marcha de Lisboa parecia um bocadinho utópico, mas nunca se sabia. -----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** disse que gostaria de subscrever antecipadamente essa saudação do PS. -----

----- **Eleito Jorge Garcia (IND)** disse que queria também fazer o pedido para subscrever essa proposta. -----

----- **Eleita Maria de Lurdes Pinheiro (PCP)** disse que tinha pedido a palavra antes de entrarem nessa ordem de trabalhos, na altura da intervenção do público. -----

----- Em relação à saudação, era evidente que ia aprovar e estava de acordo, nem podia ser de outra maneira, não havia dúvidas em relação a isso.-----

----- Sobre as intervenções, achava que a Assembleia tinha falta que os moradores se dirigissem ali a colocar problemas e ainda bem que de vez em quando apareciam. Iria colocar algumas questões que infelizmente as pessoas lhe colocaram a si e não estavam lá, mas de qualquer maneira também eram problemas que via e que o Executivo da Junta devia ter atenção. Mesmo em alguns casos, não sendo da competência da Junta, também devia pressionar as entidades responsáveis porque havia problemas que se vinham a arrastar há muito tempo e que tinha de se fazer alguma coisa. -----

----- Independentemente do Senhor Presidente ter agora anunciado que iria haver uma grande iniciativa sobre as questões da segurança, que era a única forma de pressionar, mas isso também tinha que ser feito mais vezes e de outra maneira. -----

----- Por exemplo, uma das coisas que tinha reparado, as casas de banho públicas da Freguesia, a maior parte delas estavam fechadas, nesse dia às cinco horas estavam fechadas. Perguntou qual era o horário das casas de banho, em especial onde havia muito turismo, qual a razão das casas de banho encerrarem tão cedo. Se calhar era bom ver uma forma de nalguns pontos as casas de banho ficarem abertas até mais tarde e por exemplo abrirem mais tarde de manhã. -----

----- Também queria saber e o Executivo responderia quando tivesse oportunidade, na Rua do Vigário existia um espaço da Freguesia, que era o cabeleireiro social e tinha visto retirar lixo e coisas. Gostaria de saber se estava alguma coisa prevista para esse espaço. -----

----- Também uma das preocupações que lhe colocaram era a questão do elevador ali da Rua Norberto Araújo estar fechado todo mês. Até se entendia que ele estivesse fechado pelo menos até meio do mês, inclusive o elevador agora até nem era da responsabilidade da Junta, era da responsabilidade da EMEL, mas se a EMEL encerrava o mês todo era porque a Junta solicitou. Então a Junta teria que dizer à EMEL que no próximo ano não podia fechar e se pudesse que abrisse já, porque havia muitas pessoas que utilizavam o elevador para poderem subir e descer aquilo. Tivera várias queixas dessas pessoas, com muletas e com bengalas. -----

----- Havia outra pessoa que dizia que depois utilizavam o elevador para transportar as coisas para os retiros, mas havia lá um segurança e tinha que ser firme. Isso não podia ser assim, tinha que haver regras e uma coisa que se notava na cidade, não era só na Freguesia, era a falta de regras em todo o lado, cada um fazia aquilo que queria. Era o trânsito, era a sujidade, era tudo. Só se pensava no turismo, não se pensava nas pessoas e mesmo sendo poucas pessoas tinham que pensar nelas. O elevador fazia falta e, portanto, solicitava à Junta que visse com a EMEL para abrir o elevador. -----

----- Em relação ao problema da sujidade, infelizmente para todos os que colocaram o problema da sujidade na Freguesia, era verdade. Havia muita sujidade e agora, na altura dos retiros, ainda estava pior. Era verdade que a Junta não dava vazão a essa coisa toda, mas também era verdade que isso era um bocado fruto... os Santos Populares sempre se fizeram e quando havia Freguesias, sem ser uma Freguesia só para isso tudo, as coisas eram um bocadinho mais bem organizadas porque havia um trabalho integrado. Atualmente cada Junta fazia as coisas à sua maneira e a própria Câmara, se pudesse passar a responsabilidade para a Junta, também passava. -----

----- Havia um “deixa andar” e as coisas iam-se sujando, cada vez pior. Morava na Freguesia de Santo António e tinha o mesmo problema, havia porcaria por tudo o que era sítio. A Baixa estava degradada, a Baixa-Chiado, todo aquele espaço estava degradado. Eram os tuc-tuc estacionados indevidamente e desorganizadamente em tudo o que era sítio, em duas faixas. -----

----- Num espaço de pouco tempo tinha visto duas situações em vias de facto com motoristas e tuc-tucs e achava que a Junta podia ser mais firme nessa questão. Os tuc-tuc no Largo de Santa Luzia, no miradouro de Santo Estevão, junto à Sé, no Largo do Chafariz, estava uma pouca-vergonha. No Chiado estava por demais e não podia ser. No início os tuc-tuc entravam por dentro do bairro e as Juntas de Freguesia com a população, não sendo competência das Juntas, mas na altura havia Juntas de proximidade e junto da Câmara ou de quem tinha que resolver isso resolveu-se. A atual Junta que era grande, que tinha mais poder, tinha que ajudar a resolver esse assunto. ---

----- Pedissem à Câmara para não dar mais licenciamento aos tuc-tuc, chegava, já era demais.-----

----- Outra situação era que foram espalhados caixotes de lixo por tudo o que era Freguesia e estavam sempre muito porcos, cheiravam mal e estavam cheios. Na altura também tinham levantado a questão e disseram que os caixotes seriam substituídos, que traziam limpos e levavam os sujos para limpar. Isso era mentira, porque os caixotes continuavam cheios de lixo e a cheirar mal, era uma nojeira e com o tempo a aquecer ainda era pior.-----

----- Já tinha informado a Junta de Freguesia que existia uma rotura de água no Largo de Santa Luzia, em frente à sede da Associação do Património e População de Alfama. Deduziam que fosse a canalização do jardim e estava água ali constantemente. Sabia que isso não era da competência da Junta, era da Câmara, mas que a Junta ajudasse a resolver essa situação.-----

----- Os moradores deviam ir à Assembleia, faziam bem, mesmo não sendo da competência da Junta resolver, mas faziam muito bem ir ali. Era um órgão que foi eleito também para ouvir os problemas e para ajudar a resolvê-los. Quando o Senhor Presidente marcasse ações pela segurança também estariam lá. Quando marcou sobre a questão da Rua dos Remédios também estiveram lá, portanto estariam e era bom que a população também estivesse. Isso era de todos, tinham que zelar todos por isso e o sentimento de zelar individualmente pelas coisas deixou de existir, mas tinham que fazer os possíveis para que voltasse a existir.-----

----- Agradecia por terem ido ali colocar os problemas, outros problemas já tinham sido colocados várias vezes, mas havia situações que a Junta podia ajudar a resolver e se precisassem estavam ali também para isso.-----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** disse que apesar de estarem a apreciar o voto de saudação às marchas, gostaria muito de agradecer à Sara e ao Martinho por ali terem ido expor uma preocupação que era de todos. Era uma preocupação da bancada do Partido Socialista e sua, que era residente em Alfama e que se preocupava com o impacto que tinham essas atividades na Freguesia. Eram atividades culturais que representavam a história, representavam também a razão de gostarem tanto desse espaço e tanto quererem ali habitar e viver.-----

----- O que foi exposto pelo Executivo da Junta em relação ao ruído e à higiene urbana, que se lembrasse e também já habitava ali há muitos anos, era que as coisas tinham vindo a melhorar. O que não tinha vindo a melhorar era a colaboração e cooperação com a Câmara e era sobre isso que gostava de deixar uma chamada de atenção. Era o papel que a Câmara se tentava imiscuir e ignorava os residentes, ignorava os munícipes da cidade e esquecia que a higiene urbana não era um trabalho só da doutora Maria João e do Executivo.-----

----- A higiene urbana tinha sido esquecida pela Câmara Municipal. Quem vivia ali sabia que os caixotes de lixo desapareciam, tinham tendência a movimentar-se e nunca foi encontrada uma solução. Essa era uma solução provisória, pelo menos com o que lhe foi transmitido, que o doutor Medina e o Executivo anterior encontraram para resolver o grande impacto que tinha a atividade do alojamento local e as novas atividades relacionadas com o turismo, mas essa não era uma solução de futuro. Era uma solução pelo levava dano, porque via-se a andar metros e metros à procura da separação do lixo, do papel, das embalagens e os caixotes de lixo estavam a desaparecer na Freguesia.-----

----- Isso no Santo António tinha um impacto brutal e como o Senhor Presidente ali expressou, eram 150 mil pessoas que iam à Freguesia, que iam aos arraiais de São Miguel e transformavam isso num caos. Era carne, sardinhas, lixo por todo o lado e isso

era insegurança para quem ali vivia. Isso era grave e o que via mal era que o Senhor Presidente da Câmara ia à Freguesia para as procissões, ia ali sorrir, mas nada fazia para ir ali melhorar a vida.-----

----- Isso era muito grave, ao ponto de quem ali habitava ter tendência a pressionar quem estava mais próximo, a Junta de Freguesia, o Senhor Presidente da Junta, o Executivo. Essa pressão que se fazia sobre eles tinha uma resposta ativa, era a resposta que queriam com a reforma administrativa e com o que transformaram a Freguesia em algo capaz. Que se lembrasse, não havia tuc-tucs quando existiam doze ou catorze Freguesias. Existiam partes da Freguesia em que era importante deixar uma referência, na Rua Marquês Ponte de Lima os tuc-tuc, ainda que lá existisse sinalização, ela não era respeitada e isso constituía um perigo pessoas que lá viviam, porque os tuc-tuc circulavam a altas velocidades e a qualquer hora, numa atividade que não estava de acordo com a Lei.-----

----- O que acontecia era que a Polícia Municipal e a Polícia de Segurança Pública ignoravam esses factos. A Freguesia tinha problemas de segurança e agradecia a atenção do Executivo mais uma vez, que a segurança na Freguesia não só estava em causa durante o período dos Santos Populares, que eram tão agradáveis para todos, mas estava sempre em causa porque a Freguesia atualmente tinha uma elevada pressão, fosse do turismo ou das atividades que ali se desenvolviam, fosse das novas realidades de habitação, era uma Freguesia que tinha de estar atenta e a segurança tinha fechado os olhos.-----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** agradeceu os depoimentos dos vizinhos. Não era para intervir nesse momento, porque havia ali protocolos que ia guardar para criticar ou subscrever, mas como foram ali ditas várias coisas achava melhor esclarecer.-----

----- O PSD não aceitava que se dissesse na Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior que a tradição de um século era esse inferno, esse desrespeito e falta de regras, o caos total. A tradição de um século não era isso, se calhar havia coisas piores, mas estavam a falar disso especificamente. Havia as vésperas das festas, como foi ali falado, não havia um ou dois meses de festas, barulho até às tantas e música ordinária, nomeadamente música que era impossível não estarem expostos, assim como os filhos e os pais, música com asneiras a entrar mesmo quando fechavam as portadas. Isso era uma violência brutal, não podiam estar expostos a isso.-----

----- Não eram músicas populares e havia momentos em que a tal playlist não era adequada. Já não sabia de onde ia música, se ia das colunas, se ia do Porto de Lisboa, ou lá de cima. Chegava a um ponto que era estereofónico. Não era verdade que a playlist fosse sempre coerente, não era assim que recebiam em casa o barulho.-----

----- Além disso, o Senhor Presidente fez uma providência cautelar em 2023, a processar a Câmara Municipal por causa de poder passar as licenças especiais de ruído, mas estava a viver na Freguesia há 20 anos e esse ano foi demais. Desconhecia quem passou essas Leis especiais de ruído, mas foi demais. Se mais para a frente pudessem explicar, agradecia.-----

----- Em relação às atividades que não estavam de acordo com a Lei, especialmente nessa rua, havia ali um cruzamento de facto com atividades que não estavam de acordo com a Lei, que era o tráfico de droga à frente de toda a gente, porque alguém alugou casas no mercado para pessoas que não tinham capacidade de lidar com a vida de outra maneira e gerou procura, o que gerava oferta. A Mouraria levou com esses programas muito mal geridos. Havia coisas graves, por vezes havia políticas que até podiam ser com boa intenção, mas com consequências muito graves para a população.-----

----- Não se podia dizer que era tradição esse inferno, não era. Lembrava-se de ir todos os anos desde pequenina ao Castelo, a Alfama e era a sede da véspera de Santo António, porque era aquela noite, também a véspera de São João e véspera de São Pedro era aquela noite. Depois foi aumentando para os fins de semana todos ali à volta, sexta-feira à noite e sábado à noite ainda que fosse, mas durante a semana de trabalho, de estudos, em que os miúdos estavam a fazer exames na escola, que era o final do ano em junho. Por mais que não fosse tinham direito ao descanso, não tinham que se estar a justificar, o direito ao descanso estava na Lei. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que havia momentos em que a Assembleia de Freguesia, que tinha tudo para ser uma Assembleia normal, se transformava num momento muito empolgante, até para pensarem a cidade e a Freguesia onde viviam, ou a Freguesia que foram obrigados a abandonar para outros usufruírem dela. -----

----- **Eleito Rodrigo Machado (BE)** disse que iam acompanhar a proposta do PS. Era muito importante a avaliação das marchas, eram um símbolo maior dessa Freguesia e do centro histórico. -----

----- Não querendo fazer uma autodefesa da música ordinária, achava que música era música e não seria maneira de falar dela. Aliás, a música popular era brejeira e fazia parte, achava que ordinária não era o melhor adjetivo. -----

----- Todas as preocupações partiam de algo anterior, a razão de terem um mês de Santos, a razão do lixo ser tanto. Era preciso discutir a cidade que queriam e a razão dela estar assim. Um mês de Santos não foi uma demanda popular das pessoas que ali moraram, foi um projeto político e económico da cidade que era vender os Santos, vender essa ideia, vender ali junto ao rio e que até se pagava para entrar, o que ia totalmente contra aquilo que era uma festa popular. -----

----- Tudo o que iam fazer ali era sempre uma resposta a um problema que criaram. A questão do lixo seria sempre um remendo, não havia caixotes suficientes para conter as centenas de milhar de pessoas que passavam pelo território, quando não tinha capacidade para acolher. -----

----- Havia um setor turístico e de alojamento local brutal, impossível de conter. Era uma zona turística e não queriam combater isso, era bem-vindo, mas era preciso responder e sabiam que essa resposta era sempre muito difícil. Havia um lado de solidariedade com toda a gente envolvida nesse trabalho, porque imaginava que era difícil e o que tentavam fazer sempre era reparar aquilo que estava feito, algo mau. A mudança maior não era a partir da Assembleia de Freguesia, infelizmente. -----

----- Em julho do ano anterior o BE apresentou na Assembleia de Freguesia uma proposta onde se recomendava o Executivo a dar panfletos informativos aos comerciantes em várias línguas para que os comerciantes pudessem ter uma forma diferente de tratar lixo, os seus resíduos, em particular nessas alturas de maior pressão. Julgava que isso não tivesse avançado para a frente e se iria avançar gostava muito do saber. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** perguntou, em relação aos Santos do Tejo e a iniciativa de apoio ao europeu com bilhetes pagos à entrada, por quem seria realizado e quem licenciou a atividade. -----

----- **Vogal do Executivo Ricardo Dias** disse que a forma como a eleita do PSD disse que era impreterível deixar passar o seu momento para intervir, até pensava que fosse dizer algo um pouco mais substantivo, mas aceitando e admitindo a opinião também lhe parecia sensato que tentasse reproduzir o que dizia com mais sensatez e coerência. Não tinha dito que as tradições tinham que ser esse inferno, nem coisa que se assemelhasse.

Pelo contrário, tinha feito assunção pública de admitir que havia coisas a precisar de ser melhoradas. -----

----- Quanto à parte da playlist, ela foi renovada e podia confirmar. Aliás, propunha que dessem uma volta pelo bairro e podiam ir à central de som que estava montada, podiam ver que a playlist tinha dezenas e dezenas de músicas. Se entre essas se encontravam aquelas que eram feitas pelo Quim Barreiros ou da Rosinha, o léxico brejeiro, popular, a manipulação de sentidos fazia parte da cultura musical portuguesa e era popular. Não queriam pôr Chopin e Mozart a tocar num arraial. -----

----- O gosto era subjetivo e podia ser discutido, claro que sim e percebia isso, mas depois tinha dito outra coisa mais importante a seguir, que não tinha certeza se era a música que ia do arraial ou de outro lado. Tinha que haver um bocadinho de certeza do que estavam a referir. No entanto, deixava mais um compromisso, tentava que no próximo ano, quiçá até ainda para os últimos dias de arraial, que faltavam três, fazer um melhoramento relativamente à playlist, sendo certo que não tocava durante o tempo integral do arraial. Das oito e meia até ao fim havia música ao vivo e pedia desculpa, mas não ficava confortável em dizer ao senhor para não cantar a música A ou B, porque ele tinha o repertório próprio. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que encarava muito essa útil reflexão e troca de pontos de vista e de críticas. Não no seu caso, que não estava ali para fazer críticas, mas sim para ouvir quase como antecipação do último ponto da ordem de trabalhos, a apreciação da informação escrita do Presidente. -----

----- Numa reflexão muito racional, esse arraial não devia ser ali, devia ser num recinto fechado do outro lado e até já tentaram isso, que não fosse dentro do Bairro de Alfama. Havia um novo tipo de pessoas que iam para ali morar e que não estavam tão arreigadas a essas tradições e até questionavam legitimamente, sobrevalorizando e bem do seu ponto de vista o seu direito ao descanso e à tranquilidade em detrimento do direito à folia que era reivindicado pela população mais antiga e pela tradição. Essa era a questão. -----

----- Bem gostaria de levar o arraial para o outro lado, era muito mais seguro. Como explicou o doutor Ricardo Dias, as pessoas tinham memória curta, antes da Junta existir esse arraial era muito perigoso porque a regra eram as puxadas elétricas, a regra era não haver extintores de incêndio, a regra era haver também puxadas de água, e, portanto, era um “salve-se quem puder”. Conseguiram implementar o mínimo, mas o bairro era estreito, era fechado, 200 mil pessoas ali era sempre um risco e um dia seria um pandemónio. -----

----- O que dizia à Senhora Eleita do PSD era para dizer isso ao Senhor Presidente da Câmara, porque ele podia ditar as regras. O licenciamento era da Junta, mas ele podia ditar as regras, bastava ele dizer que só havia arraial durante cinco dias e todos teriam que cumprir. Enquanto a Câmara não dissesse isso, o Presidente de Junta de Freguesia que dissesse isso na sua Freguesia era linchado. Aliás, já tivera manifestações à porta da Junta muito pouco amigáveis porque na Mouraria havia e que queriam proibir ali, etc., porque a Câmara permitia na Mouraria e não queria permitir ali. -----

----- Era por isso que nesse ano não caíram na esparrela, os arraiais duravam exatamente o mesmo tempo que duravam os arraiais da EGEAC. Se havia arraiais a mais, a Eleita estava bem colocada junto do poder municipal, porque era do mesmo partido e trabalhava na Câmara junto das Vereadoras, lutasse por isso que tinha o seu apoio. -----

----- Para aqueles que diziam que não pressionava, percebendo que fazia parte das regras do jogo, sabia que esse era o papel da oposição, mas podiam acreditar que se fartava de pressionar, que tinha era experiência de vida e se pressionava tudo ao mesmo

tempo não conseguia nada, passava a ser o maluquinho que estava sempre a exagerar tudo. -----

----- Lembrava-se bem que o problema dos tuc-tuc começou a agudizar-se quando já era Presidente da Junta, não foi no tempo das Juntas pequeninas. Até cartazes puseram ali a dizer que era proibido circular, cartazes sem nenhuma autoridade legal e recordava-se bem das resistências que teve da Câmara, na altura até uma maioria do seu partido, porque achavam que aquilo era muito importante para a economia. Depois conseguiu-se impor regras que infelizmente não eram fiscalizadas. -----

----- Grande parte dos problemas na cidade, não falava só da Freguesia, era a questão da fiscalização e todos abanavam a cabeça, mas seria eventualmente, não dizia desonesto, mas pouco curial dizerem que a Junta podia fiscalizar coisas que não tinha a autoridade para fiscalizar. Tinha fiscais da Junta que já foram ameaçados de levar pancada e o Presidente da Junta não podia identificar a Senhora A, B ou C que punha o lixo da rua. Só um polícia fardado podia identificar. -----

----- Agradecia a disponibilidade enquanto jurista e tinha vários juristas a trabalhar para a Junta e que nem todos tinham a mesma opinião, o que era bom. Havia até quem defendesse que nem um polícia podia pedir o cartão de cidadão. Um fiscal civil da Junta de Freguesia não podia identificar um cidadão se esse recusasse para ser identificado. -

----- Contava uma história até com alguma ironia e que aconteceu consigo, que não era fiscal, era apenas Presidente da Junta, uma vez ter dito a uma Senhora de forma educada se não apanhava o cócô do cão e ela disse “apanhe o senhor”. Tinha que sorrir porque não podia fazer mais, não tinha ali um polícia ao lado que pudesse identificar a Senhora.

----- Uma coisa era um estabelecimento comercial, era a Rua da Adiça número 21, outra coisa era a difícil tarefa de fiscalizar a higiene urbana, sobretudo porque era preciso o flagrante delito e identificar aquele lixo com aquela pessoa, porque se não identificasse a multa era irrelevante e nem valia a pena passar, era uma contraordenação passada a incertos. -----

----- Fizeram uma providência cautelar à Câmara, precisamente para que a Câmara não passasse licenças especiais de ruído. Não ganharam a providência cautelar e decidiram avançar para a ação principal. Estavam convencidos que só a Junta poderia fazer licenças especiais de ruído, não era a licença dos bares, porque esses muitas vezes usavam um truque, tinham o altifalante dentro do estabelecimento e projetavam para fora. Aí já não podia sequer intervir. Para que as pessoas percebessem as competências, tudo o que era da porta para fora seria competência da Junta, o que era da porta para dentro seria competência da Câmara ou de outra entidade fiscalizadora. -----

----- Não ganhando a providência cautelar avançavam para a ação principal, porque estavam absolutamente convencidos que só as Juntas podiam passar licenças especiais de ruído. -----

----- Em relação à Rua do Vigário, o edifício onde estava a Mesa dos Afetos estava muito instável, a proteção civil e os bombeiros tinham ido lá, tinham posto os testemunhos e os resultados não eram positivos. Estavam a preparar uma mudança de parte desses serviços para ali, precisamente para que pudessem libertar o edifício para a Câmara fazer as obras de recuperação e de manutenção, uma vez que o problema era estrutural. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação o **Voto de Saudação “Às Marchas Populares de Santa Maria Maior”**, apresentado pelo PS e subscrito por PSD e Ind., tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por unanimidade**. -----

----- **Voto de Saudação** -----

“----- Pelos 50 anos da absolvição das Três Marias -----
----- Há 50 anos atrás, a 7 de Maio de 1974, dias após a Revolução dos Cravos, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno foram absolvidas do processo das Novas Cartas Portuguesas. -----
----- Em maio de 1971, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno decidiram escrever um livro a seis mãos, as Novas Cartas Portuguesas. -----
----- Esse livro, publicado em abril de 1972 por Natália Correia, desafiou o Estado Novo, abordando temas proibidos e censurados, como a guerra colonial, o adultério, a violação, o aborto e o machismo.-----
----- O livro é proibido pela ditadura, apenas três dias após o seu lançamento, visto ser considerado pornográfico e contrário à moral e aos bons costumes pelo regime de Marcello Caetano. -----
----- Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno são acusadas e levadas a julgamento. O caso das Três Marias torna-se a primeira causa internacional dos movimentos feministas, tendo sido realizadas várias marchas pela absolvição das Três Marias na Europa e Estados Unidos da América. -----
----- A 25 de outubro de 1973 iniciou o julgamento de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno e durante os dois anos que durou, vários grupos feministas organizaram protestos, marchas e manifestações junto das embaixadas e consulados portugueses em Londres, Paris e Nova Iorque. Simone de Beauvoir, Margarite Duras, Doris Lessing, Íris Murdoch e Stephen Spence, entre muitas outras mulheres, intervieram na defesa das Três Marias. -----
----- Só a 7 de maio de 1974, dias após a Revolução do 25 de Abril, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno são absolvidas.-----
----- “O livro não é pornográfico, imoral. Pelo contrário, é obra de arte, de elevado nível, na sequência de outros que as autoras já produziram”, escreveu o Juiz Acácio Lopes Cardoso, a 7 de Maio de 1974. -----
----- Assim, perante o exposto e ao abrigo do disposto no artigo 8º do Regimento, temos a honra de propor que a Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior delibere: ---
----- 1. Saudar Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno, pela sua obra e luta contra o fascismo e pela libertação da mulher, por ocasião do 50º da sua absolvição; -----
----- 2. Comemorar este momento importante da história do país e da cidade, com iniciativas municipais que relembrem o papel extraordinário de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno na luta contra o fascismo e pela libertação da mulher; -----
----- 3. Propor à CML a atribuição dos nomes de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e “Três Marias” a um equipamento/espaco cultural, ou a um arruamento/espaco da cidade, ou ainda sob a forma de alguma outra manifestação pública que homenageie estas mulheres, após consulta da Comissão Municipal de Toponímia. -----
----- Lisboa, 21 de junho de 2024-----
----- A/O Representante do Bloco de Esquerda-----”

----- **Eleito Rodrigo Machado (BE)** disse que era uma saudação muito importante, eram três grandes exemplos de feminismo e de luta antifascista. Era um orgulho ter na Freguesia uma rua ou um beco, um espaço com o nome delas. Eram um exemplo a seguir na história do país. -----
----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** disse que saudava essa saudação e que iria subscrever também, mas queria partilhar uma informação. A postura municipal de

toponímia, números de polícia, que era o regimento que atribuía a toponímia, tinha regras que foram sendo aprovadas e uma das regras era que o falecimento tinha que ter acontecido há mais de cinco anos, uma regra geral para ser apreciado. Não queria dizer que não houvesse outros a ser apreciados num regime de exceção. Se não estava em erro, Maria Maria Teresa Horta estava viva. -----

----- Em relação ao pedido que faziam, uma toponímia com as três se calhar ainda seria mais complicado. Qualquer município podia propor, mas indo pela Assembleia de Freguesia tinha outro peso. -----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** disse que agradecia esse voto de saudação. Achava que era importante recordar e, mais que tudo, era importante o valor que tinha o feminismo para todos e o valor que tiveram as mulheres no 25 de Abril. Seria mesmo muito importante que na Freguesia se encontrasse uma via, um espaço que pudesse colocar na memória diariamente essas três senhoras. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que não existindo mais pedidos de intervenção queria apenas tocar no ponto 3 dos considerandos, que estava feito em alternativa. A parte que era comum e aceite por todos era propor ao Município a atribuição dos nomes de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Isabel Barreno, Três Marias, a um equipamento ou arruamento. Portanto, parecia haver capacidade do Município avaliar e como ainda faltava construir um conjunto de promessas que foram feitas três anos atrás admitia que o próximo “teatro em cada bairro” que pudesse ter essa identificação. Se não fosse nos próximos três meses, se calhar no próximo ano e meio, alguém no futuro teria que repor a verdade e garantir que a nomeação das Três Marias ficava patente num espaço cultural da cidade. -----

----- Submeteu à votação o **Voto de Saudação “Pelos 50 anos da absolvição das Três Marias”**, apresentado pelo BE, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por unanimidade**. -----

----- **Moção** -----

“----- *Pelo reforço do SNS e resolução dos problemas nas urgências e particularmente nas urgências de ginecologia/obstetrícia.* -----

----- *O Serviço Nacional de Saúde é um pilar do Estado Social em Portugal. O Serviço Nacional de Saúde, conquista do 25 de Abril, é para todas e todos, seja na prevenção e tratamento da doença seja na promoção da saúde e reabilitação.* -----

----- *Ainda na campanha eleitoral para as legislativas, o atual Primeiro-ministro Luís Montenegro prometeu medidas imediatas para a saúde, nomeadamente um plano de emergência para o SNS nos primeiros 60 dias de governo. No entanto, esse badalado Plano não aumenta a capacidade do SNS apostando, isso sim, na externalização dos serviços para privados. Mais do que um Plano para salvar o SNS, o governo apresentou um plano de negócios para os grupos empresariais privados da saúde.* -----

----- *A atuação da Ministra da Saúde Ana Paula Martins tem agravado o problema, recusando a negociação das carreiras e salários com os médicos para fixar profissionais no SNS, divulgando números errados sobre doentes oncológicos a aguardar cirurgias e tentando esconder dos utentes as urgências encerradas decretando o fim da publicação dos mapas das urgências na internet e encaminhado os doentes para as linhas telefónicas da Saúde 24. A indignação provocada por esta falta de transparência levou ao recuo nesta decisão e à publicação de uma lista das urgências encerradas que estava repleta de erros.* -----

----- *Os médicos já vieram responsabilizar a ministra pelo “verão caótico” nas urgências e face à inexistência de um plano de resposta central em Lisboa, os responsáveis de*

obstetrícia já vieram informar que a resposta de urgência nesta especialidade "está por um fio".-----

----- As pessoas que vivem e trabalham em Lisboa, nomeadamente as pessoas grávidas, têm direito a um SNS com qualidade no atendimento e informação prestada aos cidadãos e cidadãs. Neste momento, o governo e a Ministra da Saúde não estão a garantir esses direitos.-----

----- Assim, perante o exposto temos a honra de propor que a Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior delibere instar o Governo a:-----

----- 1. Reforçar os meios do Serviço Nacional de Saúde, usando o Orçamento do SNS para o desenvolvimento da resposta pública de saúde e não para financiar o setor privado.-----

----- 2. Criar e planear um verdadeiro Plano para o Verão no Serviço Nacional de Saúde, que seja mais do que o reforço da linha SNS24.-----

----- 3. Responder às principais dificuldades identificadas, nomeadamente nas especialidades de ginecologia, obstetrícia e pediatria na Grande Lisboa.-----

----- Lisboa, 21 de junho de 2024-----

----- A/O Representante do Bloco de Esquerda -----”

*----- O Senhor Presidente da Assembleia, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação a **Moção “Pelo reforço do SNS e resolução dos problemas nas urgências e particularmente nas urgências de ginecologia/obstetrícia”**, apresentada pelo BE, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por maioria**, com 10 votos a favor (PS, PCP, PEV e BE) e 2 abstenções (PSD e Ind.)*-----

*----- **Moção** -----*

“----- Por medidas de promoção do bem-estar da população -----

----- A Freguesia de Santa Maria Maior é na sua maioria composta pelos bairros históricos da cidade de Lisboa, visitada diariamente por milhares de pessoas. NOS últimos anos a freguesia tem verificado uma grande transformação no que respeita aos seus moradores, comerciantes e atividades económicas.-----

----- Estas transformações trouxeram um conjunto de problemas na qualidade de vida dos moradores, aos quais as várias entidades não têm conseguido dar resposta.-----

----- O espaço público encontra-se deteriorado, os becos e escadinhas confundem-se com espaços verdes (que faltam na freguesia) tal é a dimensão das ervas, a limpeza é muito insuficiente, necessitando de uma atenção redobrada em alguns pontos específicos da freguesia.-----

----- Há mais de 9 anos, com a implementação da reorganização do dispositivo da PSP na cidade de Lisboa, os pressupostos inscritos nas linhas orientadoras e as medidas operacionais que lhes estavam subjacentes, nomeadamente o aumento de polícias nas ruas, continuam a não se verificar.-----

----- A habitação também tem sido alvo de grandes alterações, nomeadamente com a sua transformação em actividade hoteleira e ainda a preocupante situação da sobrelotação de fogos que acarreta vários riscos para os bairros e populações.-----

----- Os problemas sociais, de natureza diversa, têm de merecer maior atenção por parte das diversas entidades.-----

----- Os eleitos da CDU, recomendam que a Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior reunida a 24 de junho de 2024, delibere instar:-----

----- a Junta de Freguesia a:-----

----- 1. Tomar medidas de reforço na limpeza da freguesia, nomeadamente no bairro da Mouraria com a permanência de equipas nos locais mais sensíveis;-----

----- 2. Lançamento de uma campanha de sensibilização ambiental e de medidas de higiene urbana, acessível a todos os moradores e comerciantes da freguesia; -----

----- 3. Tomar medidas para a reparação/manutenção dos passeios, deservamento, manutenção adequada da iluminação, mobiliário e espaço público; -----

----- a CML a: -----

----- 4. Constituir uma equipa multidisciplinar, contendo cuidados médicos, de forma a acompanhar situações emergentes; -----

----- 5. Promover o levantamento das habitações sobrelotadas assim como a identificação dos seus proprietários; -----

----- o Governo: -----

----- 6. Assegurar o reforço do policiamento na cidade e a implementação de programa de prevenção, alertando para as questões de segurança e cuidados a ter para os moradores e comerciantes e, em particular, para crianças/jovens e idosos; -----

----- 7. Reforçar o investimento para a criação de meios e instalações adequadas para a prossecução das missões da PSP na cidade, no quadro de um modelo de policiamento de proximidade; -----

----- 8. Adotar medidas que promovam o reforço da presença e da visibilidade da polícia nas ruas, a redução do sentimento de insegurança do cidadão, incluindo a melhoria das condições de atendimento ao público e das condições de trabalho dos agentes policiais. -----

----- Os eleitos da CDU, Maria de Lurdes Pinheiro e Marco Costa -----

----- Lisboa, 24 de Junho de 2024 -----”

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação a **Moção “Por medidas de promoção do bem-estar da população”**, apresentada pela CDU, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por maioria**, com 10 votos a favor (PS, PCP, PEV e BE) e 2 abstenções (PSD e Ind.)-----

----- **Recomendação** -----

“----- Para hastear da bandeira arco-íris, pela defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+-----

----- O Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+, celebrado em 28 de junho, têm raízes históricas nos Distúrbios de Stonewall, que ocorreram em 1969, quando pessoas LGBTQIA+ resistiram à violência policial e à opressão. Este acontecimento, marcou o início do movimento pelos direitos LGBTQIA+ e, desde então, o dia é comemorado com diversos eventos que procuram promover a igualdade, a inclusão e o respeito à diversidade sexual e de gênero em todo o mundo. -----

----- Hastear a bandeira do arco-íris, na sede da junta de freguesia, é uma maneira significativa de demonstrar apoio à comunidade LGBTQIA+ e promover a inclusão e a igualdade na nossa freguesia. A bandeira do arco-íris é actualmente um símbolo global do movimento LGBTQ+ e representa a diversidade e a união entre diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. -----

----- A Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior deve ter oportunidade de se associar a este gesto e a essa iniciativa, demonstrando solidariedade, apoio e compromisso com a igualdade de direitos e o respeito pela diversidade sexual e de género.-----

----- Assim, a Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior na sua reunião de 24 de Junho de 2024, delibera:-----

----- Recomendar ao Executivo da Junta de Freguesia que seja hasteada a bandeira arco-íris, no dia 28 de junho, na sede da Junta de Freguesia.-----

----- Recomendamos ainda que a presente iniciativa seja divulgado junto da comunicação social e gravada para posterior divulgação no sítio institucional da freguesia na internet e nas suas respectivas contas nas redes sociais.-----

----- Lisboa, 21 de junho de 2024-----

----- A/O Representante do Bloco de Esquerda-----”

----- **Eleito Rodrigo Machado (BE)** disse que era um ato importante. À semelhança do que aconteceu no ano anterior, devia ser uma prática todos os anos nessa altura. Era uma questão de representação, de visibilidade para essa comunidade muitas das vezes reprimida e oprimida, dificuldade no acesso ao trabalho, à saúde, à educação. A Junta tinha que dar um passo, ainda por cima sendo no centro da cidade, que era um passo muito importante de visibilidade.-----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** disse que o PS se associava a essa iniciativa que partia do princípio da igualdade, todos faziam parte da sociedade e naturalmente que subscreviam essa iniciativa do Bloco de Esquerda.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação a **Recomendação “Para hastear da bandeira arco-íris, pela defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+”**, apresentada pelo BE, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por maioria**, com 11 votos a favor (PS, PCP, PEV, PSD e BE) e 1 voto contra (Ind.)-----

----- **Eleito Jorge Garcia (IND)** apresentou posteriormente a seguinte declaração de voto por escrito:-----

----- *“Liberais sociais, defendemos a liberdade individual como valor fundamental da sociedade. Reconhecemos ainda que a diversidade é uma força proativa que deve ser valorizada e protegida. Defendemos a igualdade de direitos e oportunidades para todos os indivíduos, independentemente da sua cor de pele, género (masculino/ feminino), orientação sexual ou religião. Promovemos a tolerância e o respeito pelas opiniões e crenças dos outros, mesmo que diferentes das nossas. Tradicionalistas e institucionalistas, entendemos que o hastear de uma bandeira na sede de uma instituição pública, é um ato simbólico revestido de solenidade, que deve restringir-se ao pavilhão nacional e outros símbolos institucionais como os da freguesia, autarquia, CPLP, OTAN e União Europeia.-----*

----- *Não podemos assim, acompanhar esta recomendação do Bloco de Esquerda.”-----*

----- **Ponto 3 – Aprovar as Atas nº 19 e 20;**-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** submeteu à votação a **Ata número 19**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade** dos Eleitos presentes na respetiva reunião.-----

----- Submeteu à votação a **Ata número 20**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade** dos Eleitos presentes na respetiva reunião.-----

----- **Ponto 4 – Autorizar a celebração de um protocolo de colaboração com o OPARTE – Organismo de Produção Artística E.P.E. (Proposta nº 229/2021-2025);**

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que apresentavam esse protocolo todos os anos, o protocolo que permitia prestarem o apoio da Junta de Freguesia na qualidade de parceira ao Festival “Ao Largo”, que se realizava todos os anos no Largo de São Carlos. O apoio tinha a ver com a polícia e situações desse género.-----

----- **Eleita Maria de Lurdes Pinheiro (PCP)** disse que na cláusula 1, no objeto dizia o seguinte: “As partes obrigam-se entre si a organizar a apresentação e execução do Millenium Festival ao Largo 2024, de acordo com o programa que se junta ao presente protocolo como documento 1”. Não tinha encontrado nenhum documento e gostaria de

ter acesso a esse documento, que lhe fosse enviado esse documento por e-mail, mas eram coisas que deviam estar juntas ao protocolo.-----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** disse que fazia o mesmo pedido. Conhecia o festival e achava que era excelente, agradecia também receber a documentação.-----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** agradeceu ao Senhor Presidente por transformar a Freguesia numa Freguesia eclética, moderna, cultural. Muito agradecia esse protocolo e esse acordo.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação “**Autorizar a celebração de um protocolo de colaboração com o OPARTE – Organismo de Produção Artística E.P.E. (Proposta nº 229/2021-2025)**”, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**.-----

----- Submeteu à votação a **Ata em minuta** relativa à deliberação acabada de tomar, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**.-----

----- **Ponto 5 – Autorizar a celebração de um protocolo de colaboração com a Casa do Alentejo (Proposta nº 232/2021-2025);**-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que a Casa do Alentejo era uma coletividade, também uma instituição cultural que tinha a sua sede no espaço da Freguesia, com quem tinham muito gosto e reconheciam a importância e também reconheciam ser muito importante para todos poder estabelecer esse protocolo de cooperação. Era isso que estavam agora a apresentar à Assembleia de Freguesia.-----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** disse que, para ser coerente com o que tinha dito há pouco, achava que os protocolos deviam ser mais específicos sobre a atividade a desenvolver. Havia várias atividades que aquela associação podia desenvolver e não estava especificado exatamente o que era.-----

----- **Vogal do Executivo Ricardo Dias** disse que o protocolo era exatamente igual aos protocolos que aprovaram ali no início do ano, era um protocolo de ligação institucional com uma casa regional, que nesse caso nem sequer era concelhia, como era a Casa de Pampilhosa da Serra ou a Casa de Lafões, era uma casa distrital que representava toda uma região e o protocolo espelhava o mesmo do ponto de vista da ligação institucional que iam ter com as outras. Podiam utilizar o espaço daquela casa regional a partir de agora e pelas conversações que tiveram recentemente com o novo Presidente da direção, o doutor Manuel Verdugo, existiam fortes hipóteses até ao final do ano desenvolver parcerias culturais que tivessem a ver com a Casa do Alentejo, com essa cultura.-----

----- Não queria lançar já um repto nem fazer futurismo, mas levar para a Freguesia o Cante Alentejano, porque existia também uma forte ligação com a cultura lisboeta e com essa grande região.-----

----- Estando essa casa regional numa zona fronteiriça da Freguesia, também iria permitir aumentar o leque de rede institucional a todas as áreas geográficas de Santa Maria Maior.-----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** agradeceu a explicação e disse que o grupo parlamentar do PS muito agradecia esse esforço da Junta de Freguesia e o envolvimento das comunidades históricas da Freguesia e o papel que tinham e continuavam a ter na Freguesia, ainda que em transformação. O papel que tinham os alentejanos, tal como os beirões, pelos quais tinha um carinho especial como beirão emprestado.-----

----- O valor irrisório, mais do que tudo demonstrava o esforço, o carinho e a atenção do Executivo perante o papel que tinham as casas do concelho, no caso distrital, e outras que fossem na Freguesia. O seu obrigado ao Executivo.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação “**Autorizar a celebração de um protocolo de colaboração com a**

Casa do Alentejo (Proposta nº 232/2021-2025)”, tendo a Assembleia deliberado aprovar, por maioria, com 11 votos a favor (PS, PCP, PEV, BE e Ind.) e 1 abstenção (PSD) -----

----- Submeteu à votação a **Ata em minuta** relativa à deliberação acabada de tomar, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**.-----

----- **Ponto 6 – Autorizar a celebração de 3 protocolos de colaboração com “O Companheiro” – Associação de Fraternidade Cristã, com a associação Portugal-Bangladesh Friendship Association-PBFA e com a Associação “Renovar a Mouraria” (Proposta nº 233/2021-2025);**-----

----- **Vogal do Executivo Maria João Correia** disse que era um protocolo só para o reforço da higiene urbana no verão e estavam a falar em cerca de oito pessoas para junho, julho, agosto e setembro. -----

----- **Eleita Maria de Lurdes Pinheiro (PCP)** fez a seguinte declaração de voto:-----

----- *“A proposta não contempla nenhuma informação sobre a falta de capacidade da JF para assegurar a limpeza urbana da freguesia. Recorde-se que, quando da aprovação do mapa de pessoal, em Dez/2023, o mesmo continha lugares por preencher. -----*

----- *Não é apresentada igualmente uma apreciação aos protocolos desenvolvidos em 2023 no mesmo âmbito. -----*

----- *A proposta é apresentada como sendo muito diferente dos Protocolos que têm sido aprovados até agora, porque pretende promover a integração social de algumas pessoas nos meses de Junho a Setembro de 2024. São apenas quatro meses, período que nos parece demasiado reduzido. Projectos que assumem este objectivo devem servir para que os seus beneficiários possam conseguir ter novamente uma rotina, um emprego e um salário, num ambiente de trabalho que se quer saudável e equilibrado, e, no fundo, voltarem a fazer parte da sociedade, na qualidade de cidadãos livres e plenos de direitos. Não é este o caso. -----*

----- *A proposta representa uma solução de recurso para satisfazer as necessidades da Junta de Freguesia, que pretende contratar pessoas apenas por quatro meses, no pico do fluxo turístico. -----*

----- *Se a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior quisesse efectivamente fazer a diferença na vida destas pessoas, deveria estabelecer um Protocolo de Cooperação por um período mínimo de 12 meses. -----*

----- *A proposta que prevê os protocolos para apenas quatro meses vem abrir um precedente de precarização de postos de trabalho. Para que futuros concursos de admissão de pessoal nesta área sejam eficazes, é necessário alterar significativamente aquilo que hoje é oferecido. Baixos salários e condições de trabalho precárias fazem com que a profissão não seja atractiva. -----*

----- *Nunca é demais lembrar que o regime de transferência de competências do município para as freguesias dificultou muito mais o trabalho na área da limpeza e higiene urbana, que deixou de ser tratado numa perspectiva integrada.” -----*

----- Disse que iriam votar contra a proposta.-----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** disse que em 2023 o PSD fez um requerimento para se encontrar um sistema integrado de higiene urbana entre essa Junta de Freguesia em particular, que era extremamente sacrificada com a pressão turística e não só, e a Câmara Municipal. Não tiveram ainda resposta por escrito a esse requerimento, nem foram convidados para nenhuma reunião em particular, para uma discussão, mas achava que esse era um tema premente. -----

----- Sabia que era possível em situações de festas, tiveram ainda agora no Rock in Rio, haver copos que eram recicláveis. Não era preciso a loucura que foi de montanhas de

lixo, de copos que já estavam proibidos na Lei. Não fazia sentido nenhum a quantidade de lixo que viam nas ruas, a quantidade de beatas. Antigamente as ruas lavavam-se à noite, as ruas estavam sempre a ser lavadas à noite. -----

----- Havia um sistema, de facto, que era preciso pensar e muito bem, tinha que ser um sistema integrado, não podiam ser medidas avulsas, as pessoas tinham que ter um perfil adequado, tinha que ser profissional. Havia a exigência que era normal ter, não era uma exigência por aí além, mas em relação a essas três associações não sabia, desconhecia, porque não tinha acesso a essa informação e, portanto, para si era difícil. Por um lado era difícil votar contra, porque percebia o desespero desses quatro meses, estava-se mesmo a ver, depois não conseguia avaliar se essas pessoas iam fazer a diferença e não conseguia avaliar o perfil.-----

----- Portanto, dessa vez iria votar contra porque achava que nesse ano as coisas estavam um bocado piores e isso não era solução, tinha que haver uma forma. -----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** disse que o Partido Socialista concordava que quanto mais funcionários da Junta estivessem em situação precária deviam passar para os quadros. Não tinha a mínima dúvida em relação a isso, ninguém ali teria. O que acontecia era existirem três associações que tinham um papel social na Freguesia, que estabeleciam um protocolo com a Junta de Freguesia e a intenção era integrar, desenvolver. Não era a higiene urbana profissional, que a Junta de Freguesia tinha profissionais capazes, competentes e equipados, como pensava que esses seriam. -----

----- Até podia deixar uma pergunta para o Executivo, que no protocolo do último ano alguns até foram integrados na Junta de Freguesia, que passaram a ter um papel funcional, capaz. -----

----- Esse era um papel que as associações tinham na Freguesia e agradecia ao Executivo o cuidado que tiveram em espelhar o pluralismo das associações. Não eram só essas três, tinham muitas mais na Freguesia e todas as associações que tivessem um esforço de desenvolver qualquer trabalho, qualquer competência que melhorasse a Freguesia, a comunidade, a sociedade, deviam procurar a Junta de Freguesia, porque agradeciam o trabalho que tinham e o trabalho que desenvolviam. -----

----- **Eleito Jorge Garcia (IND)** disse que queria testemunhar a boa integração dessas pessoas e o trabalho que já estavam a desenvolver na Freguesia, nomeadamente onde estava todos os dias e que era na Costa do Castelo. Via todos os dias essas novas pessoas a desempenhar as suas funções integradas nas equipas da Junta. -----

----- **Eleito Rodrigo Machado (BE)** disse que não havia uma questão de princípio em votar contra os protocolos com associações, em particular desse tipo, para que as pessoas muitas vezes em situações de fragilidade pudessem ter acesso a um emprego, mas ele tinha que ser minimamente fixo. -----

----- O que se oferecia era uma sazonalização do trabalho e um vínculo muito precário, que eram apenas quatro meses, ninguém organizava a sua vida. O emprego público em particular tinha esse dever social de poder ser uma ferramenta, como foi para outros casos, de ajudar aquelas pessoas a ter um emprego fixo. Essa espécie de emprego sazonal, uma espécie de algarvização do trabalho, com todo o respeito ao povo do Algarve, acabava por ser um modelo muito errado porque esses quatro meses não eram suficientes. -----

----- Acompanhava aquilo que a Eleita da CDU disse, doze meses ou seis meses na pior das hipóteses, porque parecia mais razoável do que esse período muito curto, ainda por cima quando estavam ali o ano inteiro a falar que havia falta de trabalhadores para a higiene urbana e para os outros serviços. Não precisavam de trabalhadores para quatro meses, precisavam de trabalhadores para o ano inteiro e todos os momentos e, portanto,

faria mais sentido o protocolo ser feito de outra forma e noutra altura do ano que não para essa. -----

----- O que se tinha de caminhar era para ter mais pessoal permanente. Isso até podia ser um regime de exceção, mas havia um receio pelo menos do BE de que pudesse ser uma norma não só ali, mas nas várias Freguesias, a sazonalização do trabalho de trabalhadores imigrantes, precários, com problemas sociais. Portanto, teria que votar contra essa proposta.-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que tiveram essa discussão no ano anterior e gostava de reiterar.-----

----- A Junta fazia parte da grande arquitetura da grande organização administrativa do Estado. Todos trabalhavam com orçamentos e tinham responsabilidades, não podiam aumentar o quadro de pessoal de uma forma irrefletida, sobretudo não tendo a certeza que depois podiam pagar a essas pessoas aquilo que justamente elas mereciam. -----

----- Era o primeiro a reconhecer e tinha dito isso ao longo dos anos, que a generalidade dos funcionários públicos eram muito mal pagos e muito particularmente aqueles que estavam na higiene urbana, para os riscos que corriam e a dureza do trabalho que tinham estavam muito mal pagos, mas nenhum Presidente de Junta e nenhuma autarquia podia decidir unilateralmente o aumento dos seus funcionários fora do quadro que estabelecia a função pública. -----

----- A segunda questão que queria dizer era que quando o quadro de pessoal estivesse preenchido, estavam a preparar concursos para admissões, seria suficiente para o ano inteiro com exceção desse período, mas seria uma grande irresponsabilidade estarem a contratar para o ano inteiro um acréscimo que só precisavam durante um período muito curto do ano, que eram precisamente três ou quatro meses. -----

----- O território de Santa Maria Maior, a média diária nacional de visitantes era de 300 mil pessoas e foram constituídos e pensados para uma população de 20 mil pessoas, já contando com a população flutuante. Tinham um déficit muito particularmente nesse período e daí precisarem de mais pessoas, sendo certo que a legislação não lhes permitia aumentar indefinidamente o número de horas extraordinárias que os trabalhadores podiam usar, porque poderiam aplicar mais horas extraordinárias, se bem que horas extraordinárias também eram feitas à custa do direito ao descanso das pessoas, mas também tinham um limite legal. -----

----- Eram sempre confrontados com essa situação, ou prestavam o serviço ou não prestavam o serviço, escudando-se em que não se podia. Portanto, a única forma que tinham era de facto durante esse período, bem justificado em trabalho extraordinário que tinham que fazer devido à situação extraordinária, contratar essas pessoas, que o faziam sempre. -----

----- Seria bom esclarecer uma situação para já, num enquadramento global. Certamente que nenhum senhor deputado, nem o senhor deputado do Bloco de Esquerda, nem nenhum outro deputado estava à espera que fosse uma Junta de Freguesia a resolver o problema da sazonalidade ou dos direitos sociais dos imigrantes no país inteiro. Qualquer dia estavam também a exigir que acabasse com a guerra na Ucrânia porque não exerciam a influência para que as partes sentassem à mesa e conversarem, passando a ironia. Só para perceber muitas vezes o nível, o quão absurdo eram exigências que se faziam recair sobre a Junta de Freguesia, quando tinham as competências muito bem esclarecidas e limitadas no terreno. -----

----- Fizeram um edital onde se informava a população que poderiam contratar durante esse espaço de tempo. Acontecia que se candidataram três pessoas, o que não resolvia o problema. No ano anterior pediram quarenta e candidataram-se cinco. Resolveram então

fazer um acordo e o Companheiro colocava ali cidadãos que estiveram presos, cometeram um delito, pagaram a sua dívida para com a sociedade e que tinham dificuldade de encontrar mercado de trabalho. Fez-se um acordo com o Companheiro para ter ali um conjunto de pessoas e fez-se um acordo com a Associação do Bangladesh que também já tinham dito vários dos seus dirigentes que havia muitos cidadãos do Bangladesh que não conseguiam encontrar trabalho e que ninguém lhes oferecia, era uma oportunidade até para poderem trabalhar. Também com a Associação “Renovar a Moraria”, que cobria a mesma área de imigrantes e também nepalenses e por aí adiante, também fizeram esse acordo e foram eles que ajudaram de facto a resolver o problema. -----

----- Por recomendação dos encarregados ficaram com catorze deles, que admitiram no ano anterior, devido à sua dedicação e excepcionalidade no trabalho. Esperava que depois pudessem concorrer, quando se fizesse o concurso para admissão de pessoal. -----

----- Perguntariam se era na mesma sazonal e se calhar era, mas fossem perguntar a cada uma dessas pessoas se, apesar de tudo, não lhes deu algum conforto terem estado na Junta, que fez o máximo que era possível fazer. -----

----- Sobre essa matéria também gostava de ser muito claro, não aceitava lições de ninguém porque essa Junta, sob a sua liderança, criou 100 postos de trabalho fixos diretamente num território que tinha, grosso modo, 10 mil habitantes. Ficaram muitos, não conseguiam dar a todos, mas diretamente criaram-se 100 porque eram necessários, prestaram provas, aproveitaram o regulamento do PREVPAP, mas se a Junta não estivesse disponibilizada para isso se calhar não tinha criado 100 postos de trabalho fixo. -----

----- Havia muitas pessoas que ou trabalhavam através da Junta e estavam integradas agora, ou nunca mais trabalhavam na vida porque havia uma grande discriminação para quem esteve preso, para quem teve passados difíceis, etc. Nesse aspeto tinha muito orgulho naquilo que podiam responder em termos de resposta que deram. Que ficaram muitos, claro que ficaram, não estariam à espera que numa Freguesia se resolvesse o problema do desemprego e da sazonalidade, de tudo aquilo que infelizmente os atingia.

----- Esse procedimento era igual ao do ano anterior, primeiro fizeram um convite generalizado a quem quisesse candidatar-se para esses quatro meses de trabalho e respondeu quem quis. A seguir socorreram a essas associações, dada a sua proximidade com essas comunidades em particular, se encontravam pessoas que estariam disponíveis. Podia dizer que aqueles que lá ficaram eram quase todos cidadãos dessa leva, por recomendação dos chefes e oito deles estavam no trabalho noturno, que era onde havia uma situação mais precária. Muitos dos trabalhadores não queriam trabalhar à noite, tinham as suas famílias constituídas e o trabalho noturno era sempre mais difícil, sendo que os ordenados também não eram das coisas mais interessantes.-----

----- Estava-se a dar uma resposta coerente, quem lhe dera ter meios financeiros e cobertura para ter essas pessoas a trabalhar durante um ano, mas, não sendo a solução, estavam a fazer parte da solução e muitas dessas pessoas, devido à sua entrega e qualidade, até estavam a ser convidadas para continuar e terem mais uma oportunidade de consolidação da sua posição. -----

----- **Eleito Marco Costa (PEV)** disse que reconhecendo que o trabalho feito e a boa vontade, o esforço que se tinha feito na integração dessas diferentes comunidades, o Senhor Presidente partia de alguns princípios que se calhar careciam de outra interpretação. Quando se falava em abrir um concurso e que sistematicamente as candidaturas ficavam aquém do pretendido, se calhar era uma altura para interrogar que os moldes em que o concurso era desenhado e proposto não seriam os mais adequados.

----- Quando o Senhor Presidente dizia que, apesar de tudo, os quatro meses faziam diferença, mas esse tudo era muito. Quando dizia que não era uma Junta que iria resolver o problema da precariedade, claro que não e ninguém lhe pedia isso, mas todos tinham a expectativa legítima de um órgão do Estado não embarcar nesse tipo de gestão sazonal que atualmente era característica de todo o tipo de atividades económicas, que pareciam não conseguir responder às legítimas aspirações dos trabalhadores. -----

----- Era necessária essa reflexão, era importante nesse momento. Com a certeza que não seria a Junta a resolver esse tipo de problemas, mas era importante como questão de princípio não assimilar esse tipo de gestão dos trabalhadores. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que a reflexão era importante e agradecia. --

----- Nesse caso ainda não foi um concurso, foi um convite à população, para que não se dissesse que foi alguém escolhido especialmente para se inscrever nesse trabalho. Os concursos eram feitos nos termos que a Lei determinava e se eram mais ou menos adequados era outra questão. Era uma questão para colocar aos vários grupos políticos na Assembleia da República, porque só através de legislação podiam ser alterados. -----

----- Voltava a dizer que a Junta criou 100 postos de trabalho fixos e, portanto, o que estavam a fazer ali não era a sazonalidade e aproveitar oportunisticamente da necessidade das pessoas, não era nada disso. Como tinham sobrecarga de trabalho de tal modo acentuada nesse período e mesmo assim insatisfatória, como viam pela reclamação de muitas pessoas, tinham mesmo de socorrer dessas pessoas para ajudarem, até porque não podiam prolongar as horas extraordinárias dos trabalhadores, que tudo isso estava regulamentado pela legislação. Tinham que socorrer do apoio dessas pessoas, que muito agradecia e só da leva dessas pessoas houve catorze que ficaram lá em regime de prestação de serviço. Ficaram porque tinham o quadro vago ainda em relação ao seu teto máximo e daí estarem a preparar o concurso para essas pessoas poderem concorrer e outras também e preencher o quadro. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação “**Autorizar a celebração de 3 protocolos de colaboração com “O Companheiro” – Associação de Fraternidade Cristã, com a associação Portugal-Bangladesh Friendship Association-PBFA e com a Associação “Renovar a Mouraria” (Proposta nº 233/2021-2025)**”, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por maioria**, com 8 votos a favor (PS e Ind.) e 4 votos contra (PCP, PEV, PSD e BE) -

----- **Ponto 7 – Apreciar a informação escrita do Presidente, nos termos da alínea e) do nº 2 do art.º 9º da Lei nº 75/2013 de 12 de setembro;** -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que ao longo do debate foram tratando de assuntos que constavam na informação escrita e para não “massacrar” os Membros da Assembleia de Freguesia dava apenas uma nota à Senhora Eleita do PSD, que não tinha referido na intervenção anterior, sobre a proposta do sistema integrado da higiene urbana. Tinha uma grande oportunidade de propor isso na Câmara Municipal. Era assessora da Vereadora, tratava “tu cá, tu lá” o Senhor Presidente da Câmara, propusesse isso. Estavam disponíveis para sentar à mesa e tratar disso. -----

----- Acontecia que faziam o trabalho da Câmara quando a Câmara trabalhava mal. As pessoas reclamavam dos caixotes do lixo, mas esqueciam-se, ou não esqueciam porque dava jeito depois atirar isso para cima da Junta, fingiam ignorar e a começar pela Senhora eleita, quem tinha que recolher o lixo era a Câmara e não a Junta. Era a Câmara que tinha os carros e estava na Lei, a Junta só tinha que lavar e varrer. Quando a Junta recolhia o lixo era já de solidariedade para a Câmara para facilitar a vida das pessoas no dia a dia, mas não esperassem que fosse quem ia conseguir resolver o problema da recolha do lixo, que era mesmo da Câmara. -----

----- A Senhora Eleita do PSD, por quem tinha estima e consideração, tinha aí uma grande oportunidade de os ajudar, convencendo a Câmara a sentar-se com as Juntas de Freguesia para preparar o tal sistema integrado de intervenção na higiene urbana e talvez convencendo a Câmara a fazer menos eventos ali. Ainda dias antes tinha dito ao Senhor Presidente da Câmara que faziam de Santa Maria Maior um salão de festas e não queria isso, era o Terreiro do Paço todos os dias com eventos, o Rossio e todo o lado com lixo e mais lixo. Fizessem isso em Alvalade, na Lapa, nas várias Freguesias, não canalizassem todas as festas para ali. Ainda agora tinham um concerto para encerramento no Terreiro do Paço, no dia 29, podiam ter feito no Estádio de Alvalade, no Estádio da Luz, nos Olivais, no Parque das Nações.-----

----- Estavam muito sobrecarregados de iniciativas da Câmara que levavam complicação para ali. Portanto, a Senhora Eleita tinha uma grande oportunidade para os ajudar no sistema integrado de higiene urbana e começando pelo princípio, a Câmara tinha que se conter naquilo que queria fazer ali, não podia ser o salão de festas permanente, tinham direito também ali e uma certa tranquilidade, gostavam muito mais de pequenos eventos como o “Ao Largo”, coisas muito mais familiares e impactantes com as pessoas, do que ter DJs e bandas de rock todos os dias a debitar decibéis. Talvez por aí se pudesse começar o impacto que isso tinha também na higiene urbana.-----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS)** disse que muito apreciavam o cuidado do Senhor Presidente e essa exposição. Agradecia pessoalmente em seu nome, da sua família e da bancada a atenção que ali estava explícita relativamente à segurança.-----

----- A Freguesia estava a passar um momento de transformação com a gentrificação e outros movimentos destabilizadores daquela estabilidade que a população necessitava e que as famílias necessitavam, disruptores mesmo.-----

----- Acontecia que as situações publicitadas na comunicação social relativamente à segurança eram alarmantes, principalmente no Bairro da Mouraria. Nas últimas semanas houve homicídios, houve tentativas de homicídio, houve violência fortuita. Foi-lhe a si exposto pelos comerciantes da Rua do Benfornoso, estavam a aparecer bancas de tráfico de droga, uma no início e outra no fim da rua e a polícia sabia. Era importante saber que havia um contacto insistente do Senhor Presidente e da sua equipa com a Polícia Municipal e a PSP.-----

----- Bem sabiam o que estava a acontecer em relação à segurança na cidade, bem sabiam que não tinham o apoio do Presidente da Câmara, não tinham o apoio do Comando Metropolitano de Lisboa, a população estava sozinha nessa guerra. O Senhor Presidente visitava os bairros e sabia que na Mouraria não era só sensação de insegurança, se os casos estavam na comunicação social era porque existiam e o que tinha acontecido era muito grave.-----

----- Em vários parágrafos do documento estava exposta a atenção do Senhor Presidente e sabia que a teriam.-----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD)** disse que não se podia dizer que não havia apoio do Presidente da Câmara, todos tinham essa angústia e era reiterado pelos vários Presidentes de Junta, Presidente da Câmara e várias entidades. As preocupações eram imensas e o problema tinha uma raiz com décadas, foi gerar a procura e a procura gerar a oferta e vice-versa. A Mouraria era um sítio gravíssimo, mas que não começou em 2021, infelizmente era uma coisa com raízes estruturantes e tinham que estar todos juntos para conseguir superar. Havia Estado central, MAI, Polícia Judiciária, havia uma investigação das autoridades e tinha que ser combatido. Para crime a esse nível as autoridades não eram propriamente as juntas de freguesia e câmaras municipais. Tinha que estar todos à mesa, todos preocupados em que isso fosse controlado e não valia a

pena dizer que não contavam com o Presidente da Câmara, porque não era verdade, pelo contrário. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que obviamente que os problemas não começaram em 2021, mas a Cidade de Lisboa votou e tinham que respeitar e honrar aquele que exercia as funções de Presidente da Câmara. Se quem exercia as funções de Presidente da Câmara continuava sempre a desculpar com o que aconteceu há muitos anos e não evidenciava qualidades, capacidade ou imaginação para resolver os problemas, a única certeza que tinham era que o regime democrático de quatro em quatro anos possibilitava que as pessoas fossem ouvidas. Se no dia em que fossem ouvidas concordassem em dar nova votação ao atual detentor do cargo tinham que respeitar, se as pessoas entendessem fazer outro voto, mesmo que fosse estranho, de não nomear o atual Executivo, teriam que voltar a unir. -----

----- Havia problemas que não se resolviam na retórica e muito menos, do seu ponto de vista, com um populismo autoritário que muitas vezes era primeiro importado daquilo que estava a acontecer em Espanha. Para quem tinha oportunidade de ler, parecia que estava ali uma bomba-relógio muito extremada entre uns que eram acusados de esquerdalhos e outros que eram acusados de fachos. Uns anos atrás outro Presidente foi muito reconhecido pela sua ação, o Boris Johnson, que iniciou todo esse processo do populismo e que as redes sociais eram mais importantes do que a vida das pessoas.-----

----- Tendo atualmente uma Freguesia com menos de 10 mil eleitores tinham era que olhar pelas pessoas nesse prédio, porque podiam falecer e estar ali dois ou três meses sozinhas sem ninguém dar nada por elas. Essa era a função que tinham enquanto autarcas, não fazendo distinção de um ser melhor que o outro, mas quem era eleito tinha que resolver problemas. Se ia dizer que o problema já ia de trás e não resolvia, não precisava de continuar no lugar e tinha que se encontrar outro.-----

----- A Eleita Sandra Gadanho tinha experiência ali e apostava para na próxima lista deixar de ser assessora e passar a ser vereadora, porque era uma certeza que tinham de sentir os problemas de maneira diferente. Quem sentia os problemas resolvia, quem não sentia encontrava maneira de dizer publicamente que eram problemas que outros criaram no passado. -----

----- Daí a um ano teriam oportunidade da democracia ser ouvida e logo se perceberia se procuravam o discurso espanhol ou se a tradição lusitana merecia outra visão para implementar. -----

----- Deu por encerrada a reunião, eram vinte horas e cinquenta minutos. -----

----- Da sessão foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelos membros da Mesa presentes. -----

1º.SECRETÁRIO _____ 2º.SECRETÁRIO _____ -

-----O PRESIDENTE-----

